

Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica

Contemporary challenges about curriculum and basic school

José Bonifácio Alves da Silva*

* Mestre em Educação e Graduado em História pela Universidade Católica Dom Bosco. Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade e do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Diferenças Culturais – PPGE/UCDB. Professor convocado na Rede Estadual de Ensino. E-mail: zezao-boni@hotmail.com

PARAÍSO, Marlucy Alves; VILELA, Rita Amélia; SALES, Shirlei Rezende (Orgs.). *Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica*. Curitiba: CRV, 2012. 253 p.

Organizado em 16 capítulos, o livro traz textos de pesquisadoras/es do campo da educação com suas reflexões acerca do currículo. “Contempla análises de como o currículo da escola básica se apresenta hoje e que mostram suas fragilidades e também suas possibilidades” (PARAÍSO; VILELA; SALES, 2012, p. 7). Ao final, numa parte intitulada “Sobre os autores”, são apresentados, brevemente, as/os colaboradoras/es da obra.

Na apresentação do livro, as organizadoras mostram avanços nas discussões a respeito do currículo praticado dentro e fora das instituições escolares. Como estas discussões têm contribuído para pensarmos a formação de crianças, jovens e adultos: produções de identidades, diferenças, verdades, realidades e projetos de sociedade. “Mostramos, com tudo isso,

a incompletude dos currículos escolares ao mesmo tempo em que evidenciamos a importância fundamental que eles podem exercer na vida de muitos/as” (PARAÍSO; SALES; VILELA, 2012, p. 6). Mencionam a importância das reflexões para expor o envolvimento do currículo em disputas de formas de significar a vida, representá-la.

O capítulo 1, “Currículo-como-vida”, de autoria de Jesus Maria Sousa, expõe, sucintamente, um panorama das ideias que permeiam as concepções modernas e pós-modernas de currículo. Apresenta a modernidade como o momento em que são “[...] depositadas na ciência todas as esperanças para a resolução dos problemas naturais e sociais que assolavam o mundo” (SOUSA, 2012, p. 15). Promessa de perfeição e felicidade humana através da racionalidade objetiva. Época caracterizada

das escolas municipais de João Pessoa: leitura contemporânea”, é de autoria de Maria Zuleide da Costa Pereira e Daiane dos Santos Firino que fazem uma leitura, em proposta curricular, da significação de currículo e avaliação na primeira fase do Ensino Fundamental. As autoras escrevem que o currículo vai além da ideia de transmissão do conhecimento universal, estabelecido pelas políticas oficiais, leis, resoluções e pareceres. “O currículo imbrica-se com cultura formando um amálgama que inova e instiga as ações pedagógicas na escola” (PEREIRA; FIRINO, 2012, p. 80). Observam na pesquisa que os alunos aprendem conhecimentos consagrados, entretanto são reconhecidos como sujeitos de/na cultura. Há uma preocupação da proposta curricular analisada em adequar o currículo à realidade escolar dos alunos, considerando as diferenças culturais presentes. Defendem uma avaliação próxima, contínua e justa, voltada para a ascensão dos sujeitos, respeitando os diferentes ritmos e formas de ensino/aprendizagem.

O capítulo 7, “Liderança instrucional e currículo: uma análise focada nas escolas do ensino secundário”, é de autoria de Jorge Adelino Costa e Sandra Figueiredo que procuram entender, no ensino secundário, a liderança instrucional a partir da análise de teses de doutorado e dissertações de mestrado. Investigam, no contexto português, a gestão e a liderança na atuação de diretores de escolas nas práticas de supervisão curricular. Percebem, nos trabalhos analisados, que há preocupações nos resultados dos alunos, na constituição de um bom ambiente escolar, no oferecimento

de um currículo adequado aos estudantes, no subsídio aos docentes e na execução de uma liderança eficaz.

O capítulo 8, “Construir valores numa sociedade plural: desafios da igualdade e da diferença no currículo”, de autoria de Marcelo Andrade, busca examinar como os alunos se posicionam diante de dilemas morais que envolvem igualdade e o respeito às diferenças, tendo em vista o papel da escola e do currículo na produção e difusão de valores. “Podemos observar que a definição, a construção e a aprendizagem de valores e atitudes são mais consolidadas quando se constituem em responsabilidades assumidas por toda comunidade escolar: professores, funcionários, estudantes” (ANDRADE, 2012, p. 120). Segundo o autor, os jovens demonstraram ter princípios próprios, capacidade de contestar normas que pareçam injustas, e não se importar em desobedecer regras que não façam sentido para eles. Ocorrem tensões e dificuldades de lidar com as diferenças no mesmo ambiente.

O capítulo 9, “Descolonizando o currículo na busca de uma qualidade-outra”, de autoria de Regina Leite Garcia, expõe o que a autora vem observando sobre como têm ocorrido no cotidiano das escolas os efeitos do processo de subalternização e silenciamento dos sujeitos historicamente colonizados. Apresenta situações de inferiorização do outro e de desconstrução da subalternidade. A autora nos convida a fazer releituras da história do Brasil e dos sujeitos colonizados (mal contadas) em um esforço para descolonizar o currículo e a escola a fim de buscarmos uma

qualidade-outra (mais inclusiva), projetando uma sociedade diferente. “Mudar o mundo não temos a pretensão de fazê-lo só” (GARCIA, 2012, p. 136).

O capítulo 10, “Currículo-imagem: negociações em sala de aula”, é de autoria de Anderson Ferrari que, a partir de sua experiência como professor de Ensino Fundamental e de sua atuação em um Programa de Pós-Graduação em Educação, analisa o vídeo “O mistério do estuprador”, produzido por alunos do 9º ano para a disciplina de Artes. Articula no texto currículo, Estudos de Cultura Visual, processos de subjetivação e produção de imagens. Enfatiza a inesperada releitura dos estudantes na apropriação destes da proposta curricular. “Eles foram capazes de realizar a atividade e ao mesmo tempo transgredir o que foi proposto, sugerindo novas discussões para além da produção audio-visual” (FERRARI, 2012, p. 144). Verifica alguns assuntos e contextos abordados e provocados pelo vídeo.

O capítulo 11, “Estar lá e escrever aqui – notas de pesquisa sobre escola, currículo e cultura contemporânea”, de autoria de Marisa Vorraber Costa, traz parte da experiência da pesquisadora em seus estudos em Portugal, na Espanha e na Alemanha. Conduz-nos para um passeio a outro continente pelo olhar de uma etnógrafa-turista. Narra com mais detalhes sua estada na cidade de Karlsruhe, na Alemanha. Atenta à produtividade das pedagogias culturais e dos artefatos culturais na sociedade, na escola e no currículo, a autora destaca os costumes, os investimentos na escola, as características das

instituições e dos ambientes escolares, as práticas curriculares, as identidades estudentis e os efeitos da cultura da mídia e do consumo nos estudantes em “um mundo no qual não se pode ficar parado, onde se é convocado o tempo todo a mudar de lugar, de imagem de interesses” (COSTA, 2012, p. 167).

O capítulo 12, “Currículos em espaços não escolares: aprendizagens cotidianas e redes de conhecimentos para além da escola”, de autoria de Inês Barbosa de Oliveira, fala das aprendizagens da vida cotidiana, daquilo que nos ensinam explicitamente e implicitamente nos múltiplos contextos e por diferentes artefatos culturais. “Para além do consumo puro e simples, os praticantes fabricam usos, tornando-se produtores/autores de conhecimentos[...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 178). A autora reflete a respeito dos currículos do cotidiano em nossas vivências *dentrofora* das escolas: sentidos, valores, juízos, papéis sociais (in)conscientemente difundidos, captados e ressignificados.

O capítulo 13, “O dispositivo de (bio)medicalização, as neurociências e o currículo na produção de corpos medicalizados na escola contemporânea”, de autoria de Luís Henrique Sacchi dos Santos, problematiza as implicações dos currículos, sob efeito da hiperbiologização, das neurociências e tecnobiociências, que vêm sendo utilizados para normalizar pela medicalização dos “sujeitos problemáticos” e/ou patologizados. O autor questiona “[...] como nos tornamos sujeitos medicalizados ou, mais especificamente, através de que práticas aprendemos a ser sujeitos desse

pela busca de estabilidade, certeza e segurança, em que a escola e o currículo deveriam ser “eficazes” no controle, governo e administração para a obtenção de resultados esperados à sociedade em desenvolvimento. Para a autora, a pós-modernidade coloca em colapso elementos da modernidade. Ela problematiza os desafios que os currículos na contemporaneidade têm de enfrentar, procurando provocar os leitores a pensarem o currículo interdisciplinarmente como algo vivo, intimamente envolvido com a vida das pessoas.

O capítulo 2, “Currículo da infância e infância do currículo: uma questão de imagem”, de autoria de Sandra Mara Corazza, provoca o leitor a pensar o currículo e a infância pelo viés da noologia (estudo das imagens do pensamento). A autora procura questionar os clichês e imagens dogmáticas em torno das pesquisas a respeito de currículo e infância. Enfatiza a possibilidade de pensarmos além, a fim de impulsionar e experimentar a criatividade e a produção de outras imagens, outros conceitos e clichês acerca do currículo, da infância e das relações entre ambos. Nessa perspectiva, o/a pesquisador/a torna-se criador/a de infâncias e currículos possíveis.

O capítulo 3, “‘Eu não estudei tanto para agora me acostumar a gritar’: as crianças, as professoras e o currículo”, de autoria de Sonia Kramer, coloca em foco a qualidade da educação infantil e as relações entre adultos e crianças. Concebe as crianças como sujeitos de saberes e de culturas que têm sido, por vezes, subestimados e desvalorizados pelos adultos em escolas, creches e pré-escolas com poucos

recursos “[...] em que condições e práticas impedem o direito de crianças a uma educação pautada pela ação, criação e participação” (KRAMER, 2012, p. 42). A autora traz o relato escrito por duas professoras da educação infantil, mostra motivações e frustrações dessas profissionais que se deparam com realidades muito difíceis. O texto propõe refletirmos mais acerca das relações de poder entre adultos e crianças nos currículos escolares da educação infantil.

O capítulo 4, “Currículo na sala de aula – apontamentos a partir da realidade e da pesquisa”, de autoria de Alda Junqueira Marin, observa as práticas de ensinar na série inicial do Ensino Fundamental em uma escola pública do estado de São Paulo. A autora percebe que as condutas de alunos e professores em sala de aula transformam o currículo no dia a dia e propõem refletirmos mais sobre as relações entre currículo prescrito e currículo praticado.

O capítulo 5, “O ensino básico: (des)continuidades e conflitualidades curriculares”, de autoria de José Brites Ferreira, trata dos processos de criação das legislações que oficialmente instituíram a organização do ensino nas escolas de Portugal. Discute sobre os conflitos, disputas, tensões, divergências, mensurabilidades de resultados, continuidades e descontinuidades que marcaram as trajetórias de construção do currículo oficial. Menciona as reformas (sem grandes alterações) dos legisladores, o atraso e lentidão dos investimentos, mudanças e retornos em meio a incertezas e desafios.

O capítulo 6, “Currículo e avaliação como vertentes da proposta curricular

tipo” (SANTOS, 2012, p. 185), a tendência de produzir explicações biológicas e intervenções psicofarmacológicas para comportamentos e corpos socialmente considerados indesejáveis.

O capítulo 14, “História social das disciplinas escolares: desafios acadêmicos e políticos”, de autoria de Maria do Carmo Martins, salienta a importância da história aos estudos no campo do currículo pelo seu potencial de contextualização cuidadosa das mudanças ocorridas nas práticas curriculares. A autora percebe que historicamente os estudiosos do currículo sentem a necessidade da utilização das análises históricas no campo. Propõe que seja feito o diálogo entre pesquisadores da história do currículo e da história da educação. Observa a relevância das teorias sociais e da história das disciplinas escolares para a educação, procurando compreendê-las como construções sociais e almejar alterações delas no tempo presente.

O capítulo 15, “História das disciplinas e do currículo como base para a escrita da história do ensino secundário no Brasil”, de autoria de Eurize Caldas Pessanha, analisa a história das práticas curriculares no ensino secundário no Brasil, a partir de pesquisas sobre história das disciplinas escolares nessa etapa de ensino. A autora verifica se os processos de seleção curricular, afetados por questões políticas, indicam disputas entre uma cultura humanista e uma cultura científica

e técnica na constituição do currículo do ensino secundário.

O último capítulo do livro é o 16, “Periódicos educacionais, entre fins do século XIX e começo do século XX”, de autoria de Mirian Jorge Warde. O texto focaliza um período “[...] em que estavam sendo estabelecidos em escala internacional os padrões distintivos do periódico acadêmico/científico em relação às demais modalidades de impressos periódicos” (WARDE, 2012, p. 235). Na época, difundia-se no Brasil um tipo de periódico educacional que tinha como objetivo a instrumentalização da prática escolar do professor. Nos Estados Unidos, no século XIX, surgiram os primeiros periódicos educacionais produzidos por acadêmicos e destinados a acadêmicos. Segundo a autora, houve o predomínio de uma análise psicologista nos textos acadêmicos, consagrados como fundadores, que compunham esses periódicos.

É possível ver que os estudos acerca do currículo, na academia e além dela, têm possibilitado observar as múltiplas dimensões curriculares da educação, o seu papel produtivo e transformador de realidades. “Por isso muitas pessoas, e cada vez mais, querem do currículo falar; muitas querem nele estar; muitas querem com ele e nele lutar” (PARAÍSO; SALES; VILELA, 2012, p. 7). O currículo, cada vez mais, torna-se um assunto relevante para as pessoas, e os textos que fazem parte desta obra mostram isso.

Recebido em março de 2013.

Aprovado para publicação em abril de 2013.